

LEITURAS DECOLONIAIS E FEMINISTAS NA LITERATURA E OUTRAS ARTES

Eu sou minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político (...); enquanto escrevo, eu me torno a narradora e escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade na minha própria história. Neste sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminedou.
(Grada Kilomba, 2020)

Este dossiê reúne trabalhos acadêmicos que, a partir de perspectivas teóricas dos feminismos decoloniais, problematizam construções culturais e epistemologias carregadas de ecos do colonialismo, propondo outras chaves de leitura pelo viés crítico de feministas *amefricanas* (GONZALEZ 1988; 2020), e racializadas, principalmente no que se refere às Américas. A partir do debate proposto por María Lugones, Rita Laura Segato, Yuderkys Miñoso, Julieta Paredes, Ochy Curiel, Lélia Gonzalez e Gloria Anzaldúa, entre outras teóricas e/ou ativistas dos feminismos contemporâneos, o dossiê reúne artigos voltados às abordagens críticas decoloniais atualizadas, apontando a urgência de construir olhares teóricos e críticos sobre produções artístico-literárias que questionam as instâncias da (neo)colonialidade, ainda tão frequentes nesta segunda década do século XXI.

O foco desta reunião de artigos incide, portanto, na indagação acerca dos modos de construção de leituras feministas em perspectiva decolonial. No âmbito dessa preocupação, é importante destacar as contribuições das feministas latino-americanas, que têm somado esforços no sentido de promover uma crítica contundente à colonialidade dos sistemas de poder-saber, apontando novos caminhos de reflexão e formulação de saberes, não alinhados com a perspectiva do “sistema moderno-colonial de gênero” (LUGONES, 2008, p. 16).

Se desejarmos buscar os precursores do pensamento decolonial, encontramos autores como Frantz Fanon e Aimé Césaire, cujas palavras instrumentalizaram a luta política pelo combate ao colonialismo europeu no continente africano. Na história

Liane Schneider

Professora titular DLEM/PPGL (UFPB), Pesquisadora CNPq – PQ2, Pós-doutoranda PPGLIT/UFSC. <https://orcid.org/0000-0002-5476-2065>

Luciana Calado Deplagne

Professora associada DLCV/PPGL da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-doutoranda na Université de Poitiers, com bolsa CNPq. <https://orcid.org/0000-0002-7682-102X>

Simone Pereira Schmidt

Professora titular Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) e Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). Pesquisadora do CNPq – PQ2. <https://orcid.org/0000-0002-4650-5368>

recente ocidental, foi grande o impacto de obras como *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*. Em *O local da cultura* (BHABHA, 1998), Homi Bhabha conclui seu capítulo dedicado a Fanon com uma espécie de conclamação:

Chegou a hora de voltar a Fanon; como sempre, acredito, com uma pergunta: de que forma o mundo humano pode viver sua diferença; de que forma um ser humano pode viver Outra-mente (Other-wise]? (BHABHA, 1998, p. 103).

A proposta e o desafio de se viver “outra-mente” devem incluir, por certo, o sujeito do feminismo. Definitivamente, não há como conceber um “mundo humano” sem se problematizar a desigualdade de gênero. É nesse sentido que teóricas como Gayatri Spivak buscam interpelar o sujeito pós-colonial. Ao indagar, em seu célebre ensaio, se “pode o subalterno falar” (2010), Spivak dedica especial atenção à figura da “mulher subalterna” que, mesmo no seio das teorias que escrutinam a cultura na perspectiva dos oprimidos, corre permanente risco de continuar “tão muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2010, p. 86). Defendendo a articulação do sujeito do feminismo ao sujeito pós-colonial, a autora propõe o questionamento da “inquestionável mudez da mulher subalterna, mesmo no projeto anti-imperialista dos estudos subalternos” (SPIVAK, 2010, p. 88). Assim, ela entende como sendo tarefa da intelectual pós-colonial “buscar aprender a falar ao (em vez de ouvir ou falar em nome do) sujeito historicamente emudecido da mulher subalterna” (SPIVAK, 2010, p. 88), “desaprendendo”, nessa interação, o “privilégio feminino”. Explicando o que significa “desaprender o privilégio”, Spivak prossegue: “Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do(a) colonizado(a)” (2010, p. 88)

Contudo, se levarmos em conta a reflexão de inúmeras autoras que buscam falar da experiência das mulheres, e das desigualdades de gênero, a partir de lugares distanciados das matrizes do pensamento ocidental, podemos perceber que o “privilégio feminino” a que se refere Spivak (o qual posiciona mulheres em diferentes e desiguais lugares na perspectiva de classe, etnia, raça, nacionalidade, sexualidade, etc.), está longe ainda de ser desaprendido. Chandra Mohanty, em seu célebre ensaio de 1986, explicitou com clareza as tensões existentes entre o feminismo de feição eurocêntrica e a “mulher do terceiro mundo”, erigida por esse feminismo. Mohanty adverte para os equívocos de uma visão homogeneizante, que exerce uma prática colonialista sobre a pluralidade de experiências vividas pelas mulheres não-ocidentais. É através de um discurso paternalista e politicamente equivocado que se tem construído, segundo a autora, a figura vitimizada da “mulher do Terceiro Mundo” (MOHANTY, 2003, p. 68).

No bojo desse exercício interpretativo que nos convoca a ‘desaprender’ a razão imperial/colonial (MIGNOLO, 2008, p. 290) em que nosso imaginário foi forjado, ganham vulto as proposições feministas decoloniais, as quais vêm revelar algumas das complexas permanências da situação colonial no mapa das relações contemporâneas, especialmente no que se refere ao caráter sexualizado/gendrado/racializado do sujeito

feminino, periférico e subalterno. A opção decolonial - que denuncia as operações de exclusão, silenciamento e desempoderamento, em torno das quais estão estruturadas a vida social, política, e econômica e também o imaginário da chamada modernidade ocidental - atua no sentido de fazer soar algumas vozes que enunciam o que ficou por dizer; aquilo que povoa e apaga o silêncio de séculos.

Outro aspecto a destacar diz respeito ao sujeito dos textos investigados nos artigos que compõem este dossiê. Tratam-se, em grande parte, de sujeitos excêntricos, fora da ordem, banidos ou marginalizados, e muitas vezes silenciados. Sujeitos femininos, em sua maioria, vozes que se fazem ouvir no sentido apontado por Spivak (2010, p. 88), que privilegia o ‘falar a’ em vez de simplesmente ‘ouvir’ ou ‘falar em nome da’ mulher subalterna - aquelas que nos indicam a existência concreta de outras visões de mundo, outras abordagens da experiência vivida, para além daquelas correntemente divulgadas nos discursos mais conhecidos, nos cânones, nas vozes hegemônicas. Assim, outras perspectivas epistemológicas se abrem a partir desse diálogo, propondo novos sujeitos, e exigindo novos procedimentos de leitura. Tanto os sujeitos do conhecimento, que passam a ser investigados nas produções analisadas, quanto os modos de leitura que eles suscitam servem para demarcar a importante virada epistemológica operada pelos feminismos decoloniais, através da proposta de dar visibilidade ao pequeno, ao subalterno, aos temas cotidianos e privados que supostamente não mereceriam atenção de teorias consideradas como *mainstream*.

Assim, o corpo, a casa, o quarto, os rituais, os pequenos ritos, tudo se torna passível de investigação, abandonando-se pouco a pouco as hierarquias de saberes, bem como do que deve ou merece ser estudado. E como o saber se aproxima bem mais da vida comum e cotidiana, e podemos mesmo dizer que emerge dela, torna-se importante perceber as diferenças entre sujeitos, lugares, experiências e percepções, fazê-las conversar entre si, num largo diálogo intercultural entre mulheres historicamente situadas em condição de subalternidade. Através desse diálogo intercultural e tradutório entre diferentes textos e linguagens artísticas, entre suas autoras e suas/seus leitoras/es, as diferenças, ao surgirem, passam a ser objeto de um esforço de compreensão recíproca. Tais diferenças entre saberes, determinadas por diferentes posições de sujeitos do conhecimento, apontam para um esforço tradutório que pode ser definido como uma ecologia de saberes” (SANTOS, 2010, p. 53-55).

Buscando efetuar uma “ecologia de saberes subalternos”, em diálogo, interação e esforço mútuo de tradução intercultural entre diferentes textos e linguagens, onde circulam visões de mundo, conhecimentos e experiências femininas diferentes entre si e diferentes daquelas que, frequentemente, se encontram representadas nos cânones ocidentais, o que aqui se apresenta é, em última instância, um pensamento que, entrelaçando os projetos feminista e decolonial, pode ser considerado um feminismo ao Sul.

O artigo que abre o dossiê, de Paulo Alexandre Cardoso Pereira e Lana de Araújo Gomides, ambos ligados a Universidade de Aveiro, Portugal, intitulado **Ana de Amsterdam: traçando rotas entre o terceiro espaço e o space-off**, justapõe (e/ou contrapõe) o conceito de *third space* (Bhabha) e de *space-off* (Lauretis), e tem o

intuito de aprofundar o estudo das interconexões entre opressões colonizadoras, aqui analisadas através do texto *Ana de Amsterdam*, de Ana Cássia Rebelo; além disso, é apontado, ao longo do artigo, de que forma visões da dominação via conhecimento têm sido questionadas em trabalhos de autores como Lugones, Oyewùmí, Quijano. Ana Cássia Rebelo nasceu em Moçambique nos anos setenta, onde viveu até seus cinco anos de idade, filha de mãe portuguesa e pai indiano. Ao discutir conceitos voltados às relações estabelecidas entre os ditos “civilizados e primitivos”, em que os primeiros possuiriam relação com o centro, enquanto os segundos estariam localizados na suposta periferia, o artigo destaca as fissuras e contradições que fazem parte da estruturação de tais visões binárias de mundo, dando destaque as constantes trocas entre as partes envolvidas desde os primeiros contatos, criando o campo do terceiro espaço propriamente dito. De forma semelhante, o artigo destaca o debate desenvolvido por Lauretis no que diz respeito às artes fílmicas e seus incluídos e não-incluídos, às interpelações e resistências nas produções e projeções no campo cinematográfico e seus contextos. Os autores argumentam que os dois conceitos aproximados tencionam interpretações de gênero, de raça, e de origem apresentados, por exemplo, no campo literário-artístico, bastante férteis para a construção de novos olhares culturais. *Ana de Amsterdam* torna-se campo de análise importante para os questionamentos teóricos contemporâneos por desafiar as barreiras que criam estereótipos quanto à literatura, Internet, posterior publicação de material digital no papel. Não apenas as identidades da escritora são mais fluídas, mas também os textos que produz e se apresentam, quer no blog, quer no formato de livro, também desafiam gêneros fixos. Neste sentido, defendem os autores do artigo: “(...) A potencialidade da escrita de uma pessoa com identidade interseccionada produz ressonâncias significativas em outros sujeitos”. Daí ter essa escritura sido selecionada para um debate que se volta a conceitos de hibridismo e gênero no campo da literatura contemporânea produzida em português no presente século.

Em seguida apresentamos um artigo em língua inglesa, intitulado **Kiran Desai’s portrayal of British rule over India: investigating colonialism and coloniality in *The inheritance of loss***, de Victor Hugo Maia Osorio (UFRJ) e Marcelli Claudinni Teixeira Osorio (UERJ). O texto discute a narrativa enfocada a partir de um olhar crítico construído por uma escritora do início do século XXI, interessada nos impactos do colonialismo no contexto indiano, um olhar que se diferencia, por marcas de gênero principalmente, de outras vozes literárias que já vinham discutindo o contexto da colonização da Índia pelo Império Britânico, tais como Salman Rushdie, V.S. Naipul, entre outras. A partir de uma visão crítica ao contexto das relações entre esses continentes pós-contato, o artigo propõe destacar elementos da perspectiva decolonial na construção de sua leitura da narrativa que propõe debater. Assim, revisando Young, Mignolo, Quijano e Lugones, o texto problematiza a leitura do romance, mantendo como pano de fundo o conceito de “colonialidade do poder”, apresentando como esse permeia a noção de modernidade. A educação importada, a língua e literatura do colonizador exercem, conforme aponta a discussão, papel fundamental na estruturação de tal colonialidade, o que é ilustrado em relação ao protagonista do romance em tela

– um sujeito no entre lugar, oscilando entre o indivíduo antes da imersão na cultura britânica e o sujeito permanentemente deslocado após vivenciar sua pseudo inclusão.

O terceiro texto intitula-se **Scherezade de Nélide Piñon: a (in)visibilidade da voz feminina em *Vozes do deserto*** e as autoras são Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI) e Jéssica Maria Cruz Silva (UESPI). A partir de um debate revisionista sobre o que tem sido discutido no que se refere ao feminino, enfocando o corpo e as visibilidades e invisibilidades destacadas no romance de Piñon, o artigo propõe problematizar os limites entre opressão e resistência vivenciados pelas personagens da narrativa. Dessa forma, partindo de discussões de Bahri (2013), Hollanda (1994), Lauretis (1994), Schmidt (2000) e Zolin (2009) no que se refere à literatura e mulher, chega-se ao tema de interesse central para a construção do artigo: como o feminino se apresenta nas tessituras corânicas e de que forma a língua, os trajes, a literatura, a cultura enfim, buscam configurar um lugar para a mulher em sociedades islâmicas. As autoras apontam no texto literário as tensões sexuais resultantes de expectativas conflitantes entre o que se “esperaria” de uma mulher islâmica e o que essa/as busca/m para si, indicando as formas que são apresentadas na narrativa de reagir a imposições quanto a hierarquias antes inquestionáveis. As duas irmãs, Scherezade e Dinazarda já indicam como o domínio da linguagem, do discurso, é fundamental para a sobrevivência das mesmas, enriquecendo seus repertórios a fim de escapar da morte, mesmo sob leis que ainda impõem a subjugação feminina como norma.

Seguimos apresentando o artigo **“Remember, it is I who am here to pray for you”: decolonização e resgate da autoridade religiosa/espiritual em *La Loca Santa***, de Brenda Carlos de Andrade (UFRPE/UFPE) e Danielly Cristina Pereira Vieira (UFPE), que adentra o debate decolonial e de gênero pelo viés da literatura chicana, partindo da problematização da noção de fronteira de modo a apresentá-la como um território móvel e de trocas, no caso, em um contexto religioso, principalmente. A morte/ressurreição de uma menina de três anos, apresentada no romance de Ana Castillo, *So far from God*, representa momento de desafio espiritual/religioso de normas hierárquicas da igreja, apontando a não necessária intermediação da autoridade masculina, a fim de que uma santificação possa ser reconhecida. La Loca estaria vinculada ao poder das mulheres chicanas que a reconhecem, desestabilizando relações de poder estabelecidas pós-colonização e cristianização das Américas. Além disso, são apontadas semelhanças entre a personagem La Loca e as figuras mítico-religiosas de Tonantzin e a Virgem de Guadalupe, ambas representando pontos de esperança e amparo em seus contextos e para suas comunidades nativas e latinas, de origens ameríndias e espanholas. Contudo, a mesma personagem que escapa da morte no início da narrativa de Castillo, acaba morrendo por contaminação com a HIV ao final. Dessa forma, La Loca é desafio em várias frentes, acabando por ser analisada como personagem que escapa aos limites coloniais e patriarcais desde sempre.

O próximo artigo, intitulado **“¿How much can a foot do inside a tight shoe?” Movement as a decolonial strategy in *Song of the water saints*, by Nelly Rosario**, de Leila Assumpção Harris (UERJ) e Priscilla da Silva Figueiredo (UERJ e Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira/UERJ), discorre sobre o corpo e seus

deslocamentos como foco de análise. Centrando-se na literatura de expressão inglesa, mais especificamente em *Song of the water saints* (2002), de Nelly Rosario, autora dominicana radicada nos EUA, o artigo utiliza o conceito de *tidalectics*, desenvolvido pelo poeta Kamau Brathwaite, buscando tencionar o debate sobre colonialidade/modernidade, observando a ideia de movimento como estratégia decolonial para a leitura do romance em tela, principalmente no que se refere às personagens femininas. O percurso de análise da obra literária se dá em diálogo com as questões de gênero, a partir, principalmente, de María Lugones, mas também em diálogos com a perspectiva nômade de Rosi Braidotti, que colabora em dar suporte às leituras desenvolvidas, levando em conta os movimentos que, aqui, se apresentam de forma não linear, com idas e vindas infinitas, intercalando-se de forma nem sempre previsível, sem garantias de avanço, sucesso ou progresso.

O próximo artigo, **Sor Juana Inés de la Cruz (México, 1648-1696) y Gregorio de Matos Guerra (Brasil, c. 1636-1695): la sarcástica maquinaria de la Ironía Barroca**, de Marcelo Marinho (UNILA), cruza fronteiras culturais latino-americanas, no caso, entre México e Brasil, buscando ampliar as possibilidades multiculturais de trocas entre esses países; apesar de diversos elementos que distanciam os dois contextos de produções literárias, há convergências no que se refere ao espaço ideológico que ambos autores ocupam em seus locais de pertencimento, tendo a Inquisição como uma presença inevitável, o que fica ilustrado, entre outros aspectos, nos poemas comparativamente analisados, através das ironias e sarcasmos utilizados por um e outro autor. Os poemas tratados são percebidos aqui como armas sarcásticas que desafiam as relações de poder estabelecidas entre a igreja católica e seus seguidores, o que só pode resultar de leituras renovadas da poética barroca em foco analisada de forma comparativa

Maria Firmina dos Reis, pioneira da Literatura negra no Brasil, é objeto de análise do artigo seguinte, **Ecos decoloniais e a identidade da mulher negra em “A escrava” de Maria Firmina dos Reis**, de Algemira de Macêdo Mendes (UESPI) e Paulo Eduardo Bogéa Costa (UESPI). O texto ressalta o engajamento político-social da escrita dessa autora maranhense, a homenageada desse ano na “Festa Literária Internacional de Paraty”. Pelo viés do feminismo negro e decolonial, o texto utiliza aportes críticos de autoras como Lugones, Curiel, bell hooks, Françoise Verguès, Djamila Ribeiro, a fim de analisar o poder de fala das personagens principais do conto “A escrava”; a escravizada Joana e a personagem abolicionista “senhora”, ambas denunciadoras do sistema colonial escravista. Ao examinar as falas e ações das duas personagens contra a lógica colonial de exploração, dominação e de violência sobre corpos negros escravizados, a análise vai evidenciando, de um lado, o duplo processo de objetificação ao qual Joana é submetida por ser mulher e negra, e por outro lado, sua contínua e incansável luta pela sobrevivência e pela liberdade. Resistência e sororidade aparecem também nas falas e ações da “senhora” abolicionista, que desafia o poderio patriarcal e escravagista para defender a fugitiva escravizada. Em diálogo com as teorias decoloniais, a análise do conto nos leva a um outro pioneirismo de Maria Firmina dos Reis. Além de ser a primeira mulher negra a escrever um romance

aboliconista em terras brasileiras, a escritora maranhense revela-se igualmente como uma voz precursora do feminismo decolonial no Brasil.

O dossiê segue com a análise de mais uma obra expoente da Literatura Afro-brasileira, cujo projeto literário rompe com a estrutura colonial, na medida em que descoloniza vozes de sujeitos que foram subalternizados também pela historiografia literária. O artigo **Luamanda: corpo decolonial realinhando caminhos de volta**, escrito por Francielle Suenia da Silva (UFPB), Déborah Alves Miranda (UFPB) e Macksa Raquel Gomes Soares (UEMA/UFPB), discute questões sobre memória, violência de gênero, amor e resistência, na narrativa poética “Luamanda”, de **Olhos d’água** (2016), de autoria de Conceição Evaristo. As pesquisadoras partem dos estudos decoloniais e feministas para pensar o poder do erótico (Lorde, Rich), do amor-próprio (hooks) e da libertação do corpo-desejo na personagem protagonista Luamanda. No conto, o corpo da mulher negra é reconfigurado como um corpo textualizado, racializado e decolonial, afastando-se da visão estereotipada da literatura canônica, é um corpo que desafia os ideais patriarcal, racista e cis heteronormativo, resistindo às várias violências experienciadas pela personagem Luamanda. Nessa perspectiva, o artigo detecta o papel decolonizador da literatura evaristiana, ao mostrar a vivência amorosa, o amor-próprio e o erótico como sendo a grande arma de transgressão e insurgência das personagens negras capaz de sobrelevá-las para além das amarras da colonização.

O artigo seguinte intitula-se **Stella do Patrocínio e seus Falatórios Insurgentes** e trata do livro *Reino dos bichos e dos animais é meu nome* (2001), obra póstuma desta poeta negra, internada como louca aos 21 anos. As autoras Lina Ferrari (UFSC), Maria Juracy Toneli (UFSC) e Marivete Gesser (UFSC) problematizam um tipo de violência bastante comum no Brasil do século XX, a violência manicomial, que envolve questões de raça, gênero, sexualidade e classe. Recorrendo a estudos que tratam das políticas psiquiátricas em manicômios em meados do século XX, como O Holocausto brasileiro, e que traçam o perfil social da população encarcerada, o texto evidencia o manicômio como um depósito de corpos considerados desviantes ou indesejáveis para as normas vigentes. Stella do Patrocínio compõe a porcentagem expressiva de 70% dos corpos encaminhados a esses estabelecimentos, encarcerados não por apresentarem problemas psíquicos, mas por estarem à margem da sociedade, como os alcoólatras, homossexuais, prostitutas, negros e negras, pobres, adolescentes grávidas, pessoas sem documentos, etc. Além de trazer registros acerca da condição de encarceramento de Stella do Patrocínio, o texto tece, no segundo momento, uma instigante análise de suas falas, chamadas falatórios, a partir de uma perspectiva decolonial, pondo em diálogo tanto reflexões de teóricas do feminismo negro e decolonial, como Lorde, Kilomba, Lugones, Anzaldúa, Patricia Hill Collins, quanto falas de personagens de Conceição Evaristo, como Ponciá Vicêncio e Cidinha-Cidoca, de Becos de memória, entrelaçando suas histórias marcadas de injustiça social, violência de gênero, racismo e também de múltiplas formas de resistência, como foi a palavra-arte para essa poeta aprisionada.

Se, como afirma Kilomba (2019, p. 37-38), a boca pode ser o órgão que simboliza a opressão, no caso de Patrocínio, esse órgão atuou como instrumento de enfrentamento às agruras de sua vida condenada ao silêncio do encarceramento. A boca foi o órgão

de resistência igualmente para Elza Soares, como aponta o artigo de Maximiliano Torres (UERJ-FFP) e Douglas Ernesto Fernandes Gonçalves (PPLIN/UERJ), “**Eu não vou sucumbir: Elza Soares e sua performance da sobrevivência**”, que põe em cena o percurso de uma das maiores estrelas mundiais, atriz de teatro de revista, compositora, cantora de boates e de casas de show, e que fez de sua voz um instrumento de sobrevivência e de empoderamento. De uma história de fome, agressões, tentativas de assassinato, perseguição política, surgem seus 34 álbuns, fama mundial e o título de Doutora honoris causa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fazendo de Elza, “a mulher do fim do mundo”. Por meio de contribuições de pensadoras negras e decoloniais, o artigo discute o engajamento feminista e decolonial presentes nas letras de música e na performance de Elza Soares que buscam subverter e desestabilizar a lógica colonial e suas estruturas opressoras, branca-cis-hetero-patriarcais.

Feminismo antirracista e decolonialidade: arte educação, raça e gênero é o título do próximo artigo, assinado por Maria Euclides Simone (UFV), Júlia Maria Nogueira Silva (UFV) e Heloisa Raimunda Herneck (UFV). Partindo da narrativa de uma arte educadora negra sobre o exercício de ensino aprendizagem em um espaço educacional na fronteira de Foz do Iguaçu com o Paraguai, as pesquisadoras buscaram investigar a ação do feminismo antirracista e decolonial para a articulação e fortalecimento das reivindicações sociais das mulheres negras em seus espaços de ensino aprendizagem. A análise da narrativa tem por base o uso da categoria amefricanidade, cunhada pela pioneira do feminismo decolonial, Lélia Gonzalez, para pensar, enfrentar e questionar o sistema de colonização, motivador do “racismo por denegação” e das opressões sexistas às quais as mulheres racializadas estão submetidas na sociedade brasileira. A incorporação do pensamento feminista amefricanadino impulsiona, assim, a criação de outras perspectivas sociais, reinterpretação e produção de saberes e de novas identidades raciais com suas próprias linguagens, culturas e formas. A análise apresenta a articulação entre feminismo antirracista e a arte educação em espaços proporcionadores de reflexões acerca do ser mulher negra, de estratégias de luta e formações coletivas. O artigo corrobora com a reflexão da feminista dominicana Ochy Curiel (2019:234) ao demonstrar que as arte-educadoras racializadas “a partir de sua subalternidade, a partir de sua experiência situada, têm dirigido um novo discurso e uma prática política crítica e transformadora”.

O dossiê encerra com o texto **Odisseia feminista da escultura em madeira no bioma** (UFPE/UFPB) e Alberto Pessoa (UFPB). Adotando uma metodologia decolonial, o texto promove um diálogo entre arte, feminismo, e sustentabilidade em busca de uma transformação social e do protagonismo feminino na arte da escultura. Tecido de imagens, reflexões teóricas na área de artes visuais, de Antropologia do ciborgue (Haraway) e do relato de experiência da escultora Carina Karla Lacerda, descrita como “mulher da periferia de Petrolina-PE, bioma Caatinga, sertão semiárido, mãe solo”, o texto põe em relevo o processo de empoderamento da artista através de seu fazer artístico. Os relatos descrevem as fases do trabalho escultórico da artista, as dificuldades enfrentadas por ela, em relação à esfera econômica e de gênero, ressaltando, no entanto, sua particularidade: o aspecto de sustentabilidade que permeia

suas esculturas de madeira, realizadas exclusivamente com a utilização responsável de madeira morta. Por fim, o texto apresenta, em imagens, a resignificação que é feita da “carranca”, escultura de formato fálico, utilizada na proa de embarcações para espantar maus espíritos. Nas mãos da escultora feminista, as carrancas ganham seios e formas femininas, com intuito de espantar “os maus espíritos da misoginia e da violência contra a mulher”.

Através da arte e da consciência de gênero, de raça e de classe, as mulheres periféricas resistem às violências estruturais da colonialidade e promovem seu próprio empoderamento. O pensamento decolonial é, portanto, caminho sem volta para o feminismo da Amefricadina. Em seu bojo, as promissoras armas de resistência à colonialidade do saber tornam-se acessíveis de forma mais ampla e democrática.

Referências:

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. In: *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 38-51.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódio de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. RJ: Editora Cobogó, 2020.

LUGONES, María. “Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial”. In: MIGNOLO, Walter (org.). *Género y descolonialidad*. Buenos Aires; Del Signo, 2008. p. 13-54.

MIGNOLO, Walter. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF, Dossiê Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MOHANTY, Chandra Talpade. “Under western eyes: feminist scholarship and colonial discourses”. In: LEWIS, Reina e MILLS, Sara (eds.). *Feminist postcolonial theory; a reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2003. p. 49-74.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.